



## **Linguagem, Humor e Debate Sociocultural nas Tiras de Fernando Gonsales<sup>1</sup>**

Míriam Aparecida SANTOS<sup>2</sup>  
Maurício de Medeiros CALEIRO<sup>3</sup>  
Universidade Federal de Viçosa, Viçosa, MG

### **Resumo**

A forma inovadora com que o brasileiro Fernando Gonsales se utiliza das narrativas de *Níquel Náusea* para produzir humor advindo tanto da antropomorfização de animais repulsivos (ratos, baratas), quanto da visão que estes teriam do homem, bem como uma crítica recorrente à ciência, ao positivismo e a variados segmentos da sociedade, permite que o leitor tenha prazer na leitura de seu trabalho, ao mesmo tempo em que é convidado a refletir sobre a mensagem transmitida. O objetivo é elucidar como o uso adequado das HQ's pode instigar o pensamento reflexivo e crítico dos indivíduos, como demonstra as correntes de pensamento de Diniz (2001), Borges e Moura (2009), Castelão (2007) e Cirne (2004).

**Palavras-chave:** Quadrinhos; Níquel Náusea; Narrativas visuais; Crítica social.

### **1 Introdução**

A pluralidade de linguagens existentes e a diversidade de formas com as quais elas se apresentam possibilitam a exposição de valores, crenças, críticas, opiniões e significados acerca de nossa visão de mundo e da realidade social na qual estamos inseridos. O uso que alguns humoristas fazem da sátira em quadrinhos como forma de denúncia social exemplifica isso. “Estudar o desenho é observar as formas como o homem pensa, transforma o mundo e constrói imagens de si e de sua cultura” (CASTELÃO, 2007, s/n).

Durante a primeira metade do século passado esse tipo de linguagem - a dos quadrinhos -, embora carregue tamanhos valores e possibilidades críticas, não despertava, por exemplo, maiores interesses por parte da comunidade acadêmica e de outros setores educacionais que poderiam se utilizar de suas potencialidades enquanto instrumento de ensino. “No máximo, algum tipo de interesse sociológico, a partir de alguma perspectiva

---

<sup>1</sup> Trabalho apresentado no IJ 06 – Interfaces comunicacionais do XVII Congresso de Ciências da Comunicação na Região Sudeste realizado de 28 a 30 de junho de 2012.

<sup>2</sup> Graduanda em Comunicação Social – Habilitação em Jornalismo pela UFV, email: miriam.apdasantos@gmail.com.

<sup>3</sup> Orientador do trabalho, professor do curso de Comunicação Social - Habilitação em Jornalismo da UFV, email: mauricio\_m\_caleiro@yahoo.com.br



cultural nem sempre adequada para a sua compreensão como discurso gráfico-narrativo visual” (CIRNE, 2004, s/n).

A relativa facilidade na sua leitura, bem como as estratégias nas quais as narrativas são construídas utilizando-se de cores, formas, balões, onomatopeias, personagens analógicos, ambiguidades e principalmente humor, resulta, muitas vezes, na construção de um preconceito nas pessoas baseado na falsa ideia de fraca qualidade textual dos quadrinhos, leitura infantil, constituição do gênero visando única e exclusivamente o entretenimento e até mesmo, incapacidade de produção crítica e informativa nesse meio alternativo de comunicação, um juízo de valor impertinente e sem qualquer fundamento. Nas palavras de Mendonça (2007), nada mais grave do que confundir humor gráfico com desenho de piadas, uma vez que “a caricatura, como a charge, vão além da mera representação grotesca (carregada) de uma dada realidade social, se esta se apresenta grotesca é justamente para reforçar aquilo que se quer criticar” (MENDONÇA, 2007, p.22-23).

Com base na premissa de que a linguagem dos quadrinhos tem considerável poder comunicacional, propõe-se um estudo analítico e exploratório em torno das tirinhas de *Níquel Náusea*, do brasileiro Fernando Gonsales, a fim de constatarmos a sua utilidade e poder de criticar valores e padrões pré-determinados socialmente, bem como a forma divertida, articulada e prazerosa com que a leitura pode ser feita devido ao humor bem estruturado e inserido nesse meio. A escolha de suas tiras se faz pela genialidade de Gonsales na construção das narrativas, pela qualidade do produto - tanto estética quanto humoristicamente – e também porque

Nas tirinhas humorísticas, podemos encontrar representações que refletem uma rede de conhecimentos, valores e crenças as quais podem reproduzir ou subverter a realidade social em que se inserem. [...] como qualquer outro texto, as tirinhas também sofrem influências sociais, históricas, culturais e, sobretudo, ideológicas; nesse sentido, podemos dizer que não se tratam de textos inocentes (CIRNE, 1982, p. 11 apud BORGES, MOURA, 2009, p. 100).

É importante ressaltar que as tiras analisadas neste trabalho dizem respeito às publicações mais antigas do autor no jornal *Folha de S. Paulo*, uma vez que possuem o personagem Níquel Náusea como protagonista. Produções recentes realçam outros animais como personagens centrais, não interessando, em um primeiro momento, à presente abordagem proposta.



Para a obtenção de análises consistentes, portanto, procurou-se utilizar um método de avaliação do gênero quadrinhos delineado em uma observação iconográfica (considerando determinados elementos principais) e uma interpretação iconológica (resultado das observações obtidas), dois conceitos importantes e que serão primeiramente explicados para a compreensão plena do estudo.

## **2- Quadrinhos: diversão e realidade social**

### **2.1- Entre conceitos iconográficos e iconológicos**

A iconografia é um ramo da história da arte que busca analisar, descrever e classificar as representações acerca de um determinado tema, os motivos, as identificações das imagens, as disposições de ânimo e sentimentos, o agrupamento de textos, figuras e alegorias, dentre outros elementos, em contraposição às formas que compõem a obra como um todo. Para isso, ela se utiliza de significados sensíveis, inteligíveis, históricos e clássicos que são necessários para a compreensão da imagem (PANOFSKY, 1976).

A partir das relações entre os textos, imagens, figuras, etc., podemos então inferir interpretações e conclusões acerca dos significados obtidos, caracterizando uma iconologia. A iconologia é uma iconografia que se torna interpretativa e advém da síntese mais do que da análise (PANOFSKY, 1976). E da mesma forma que a exata “identificação dos motivos é o requisito básico de uma correta análise iconográfica, também a exata análise das imagens, estórias e alegorias é o requisito essencial para uma correta interpretação iconológica” (PANOFSKY, 1976, p. 54).

Pensemos esses conceitos sob uma ótica diferente em relação ao objeto de estudo (que eram as obras de arte). Consideremos os quadrinhos como elemento a ser analisado e apliquemos a iconografia e a iconologia como método de identificação e interpretação das formas, desenhos e objetivos do autor que faz uso de dispositivos verbais e não verbais (fala e imagem) para produzir humor, criticar valores sociais e despertar a consciência dos indivíduos acerca da realidade em que se vive.

Enquanto na análise iconográfica das obras de arte dispunha-se de certas configurações de linha e cor presentes nos quadros, determinados pedaços de bronze ou pedra de forma peculiar, figuras analógicas a certas imagens representativas, motivos e combinações de motivos artísticos, dentre outros fatores, para posteriormente se obter uma iconologia resultante dos aspectos abordados, na análise iconográfica dos quadrinhos pode-



se utilizar certos elementos como a forma e o contorno dos balões (para a fala, o medo, o sonho, o pesadelo, o pensamento, etc.); o tamanho e o tipo das letras (para sentimentos como a raiva, o grito, o amor, a indiferença, etc.); os sinais usados no lugar das letras (para os palavrões, para línguas estrangeiras ou extraterrestres); e a disposição do texto (sem parágrafos ou travessões); como objetos de observação e avaliação. Em seguida, a partir das observações coletadas, faz-se um estudo iconológico sobre as relações e interpretações dos elementos presentes no gênero quadrinístico que foi analisado.

Com base nesses conceitos, iniciemos o estudo dos quadrinhos primeiramente definindo alguns aspectos fundamentais do gênero como o surgimento e sua dissipação no Brasil pelos diferentes meios comunicacionais.

## **2.2- Do surgimento à consolidação dos quadrinhos**

Os quadrinhos no Brasil surgiram na periodicidade dos jornais sofrendo influência dos Estados Unidos nas décadas de 1950 e 1960, o que resultou em vários movimentos de quadrinistas para a nacionalização dos quadrinhos brasileiros.

A década de 1970 vai marcar, além da luta contra a influência norte-americana na cultura urbana brasileira, o uso dos quadrinhos como combate político contra o regime militar, conforme salienta Paulo Diniz:

Os quadrinhos brasileiros da década de 70 tiveram uma grande referência de linguagem e de geração de quadrinistas que foi o jornal *O Pasquim*. [...] O humor gráfico do *Pasquim* vai marcar uma nova maneira de se fazer quadrinhos, transformando-os em um elemento de crítica do contexto sócio-político, do qual não apenas se ri da situação, mas se desvenda seus significados políticos, tornando mais clara as suas contradições (DINIZ, 2001, p. 22).

As décadas de 1980 e 1990 contribuem ainda mais para a consolidação desse processo, uma vez que o país presencia o surgimento de uma imensa quantidade de revistas e álbuns de quadrinhos tematizando o humor crítico para fazer referência aos problemas sociais vividos pelos cidadãos. A explosão de novas tecnologias como o computador, a Internet e demais redes digitais, revolucionaram o acesso à informação e forneceram também os meios necessários para a popularização do gênero. É nesse período que surgem os quadrinhos de Angeli, Níquel Náusea, Circo, Os piratas do Tietê, Geraldão, dentre outros, que são publicados até os dias atuais (DINIZ 2001).



Dentre as formas de representação do humor gráfico, encontramos as HQs (narrativas mais longas, com várias sequências de quadros, presente em álbuns ou em uma página inteira) e também a caricatura, a charge, o cartum e as tiras. Na opinião de Fernando Moretti (2001, *apud* MENDONÇA, 2007), a *caricatura* consiste na deformação das características marcantes de uma pessoa, animal ou coisa, podendo também ser usada como ilustração de um fato ou ocorrência. Ela visa levar a imagem a uma conotação diferente do que realmente consiste na realidade, objetivando criticá-la ou denunciar algum valor social ou político em relação a ela.

Entretanto, quando esse fato ou ocorrência pode ser contado de forma inteiramente gráfica, ele passa a caracterizar uma *charge*. Na charge se utiliza os recursos “gráficos e a composição da caricatura na elaboração do seu discurso político definido e direcionado para um fim; pois ela é panfletária por excelência” (DINIZ, 2001, p. 20). Porém, a charge não somente deforma alguns elementos de forma cômica nos personagens, como também constrói um enredo em torno deles.

Já o *cartum*, se utiliza de uma imagem – ou uma sequência de imagens -, dentro de quadrinhos ou não, com balões ou legendas, para expressar ideias e opiniões (principalmente críticas), de caráter político, esportivo, religioso ou social. A charge pode “envelhecer”, assim como a notícia, enquanto o *cartum* é mais atemporal.

Por fim, temos as *tiras*, um subtipo de história em quadrinhos que consiste em uma narrativa curta, de dois a quatro quadros no máximo. Também abordam sátiras econômicas, sociais e políticas, mas, em geral, não sofrem tanta influência do tempo como a charge. Podem caracterizar-se por serem sequenciais (“capítulos” de narrativas maiores), ou fechadas (um episódio por dia) e dividir-se em dois subtipos:

- a) *tiras-piada*, em que o humor é obtido por meio das estratégias discursivas utilizadas nas piadas de um modo geral, como a possibilidade de dupla interpretação sendo selecionada pelo autor a menos provável; b) *tiras-episódio*, nas quais o humor é baseado especificamente no desenvolvimento da temática numa determinada situação, de modo a realçar as características das personagens (MENDONÇA, 2007, p. 198).

Todos esses subtipos de narrativas compõem os quadrinhos que, além de expressarem humor, podem também ter a função de entretenimento, instruções técnicas, condicionamento de atitudes e ainda servirem de *story boards* – ponte entre o roteiro do filme e a fotografia final na publicidade e no cinema – (EISNER, 1999, *apud*



MENDONÇA, 2007), tendo como principais elementos para a definição de sua linguagem o movimento e a sequência de imagens.

A associação entre esses elementos, no entanto, deve se fazer por meio de um diálogo constante entre o objeto representado e a sua representação, bem como pela relação de causa e efeito entre antes e depois, ou seja, o quadrinho representado e aquele que o sucede. Assim, o leitor baseado também em outras formas representativas presentes nos quadrinhos (como linhas, cores, onomatopeias, posição dos personagens, perspectiva, deslocamentos, etc.), assimila a mensagem exposta com seu conhecimento de mundo e obtém a compreensão da mensagem emitida. Trata-se de uma relação entre autor (emissor) e leitor (receptor), no qual a mensagem transmitida por um e captada por outro é apreendida de significados e experiências sociais comuns a ambos.

É nesse contexto que as tiras de Níquel Náusea de Fernando Gonsales surgem como objeto de estudo acerca da capacidade do autor em produzir humor e expressar sua opinião crítica sobre os problemas sociais e político-econômicos presentes na sociedade.

### **2.3- O humor crítico e singular de Fernando Gonsales**

Fernando Gonsales, paulista e até então formado em Medicina Veterinária e Zootecnia (1983), consegue ingressar no jornal *Folha de São Paulo* para publicar suas tiras do Níquel Náusea em 1985 após vencer um concurso (CASTELÃO, 2007). Além do *Folha* – onde ainda continua publicando 26 anos depois –, Gonsales também expõe seu trabalho em vários outros jornais das cidades de Brasília, Rio de Janeiro, Porto Alegre, Belo Horizonte, Recife e inclusive em Portugal num jornal em Lisboa. Seu trabalho, que se popularizou tornando-se amplamente conhecido por vários setores sociais, é articulado em torno de Níquel Náusea (personagem principal) e outros secundários como a barata Fliti, a rata Gatinha, o Sábio do Buraco, o rato Ruter, o Mickey da Disney, alguns humanos e certos animais que não constituem participações centrais.

A qualidade de suas tiras reside no fato de que ele se nutre de “repertórios para pensar a posição de opressão dos animais na luta pela sobrevivência frente à ação humana de excluir, rejeitar e violentar” (CASTELÃO, 2007, s/n), construindo assim, situações de riso pautadas na história particular a cada personagem. Além disso, ele reforça a imagem do personagem principal como representação do excluído urbano, demonstrando sua crítica com base em um pessimismo e alheamento pessoal sobre o universo social que vivemos.

*Níquel Náusea*, foco de análise, é um rato que passando por grandes dificuldades como disputas por comida, subnutrição, fome, etc., tenta sobreviver no esgoto de uma grande cidade. Além disso, alguns outros aspectos contribuem para “que a vida dele se torne 'nauseante', como a impossibilidade de elevar seu status social, e a frequência em que é comparado a certo camundongo famoso e próspero chamado *Mickey Mouse*” (CASTELÃO, 2007, s/n). É justamente da contraposição de imagem e características opostas de personagens que surge a analogia de *Níquel* à *Mickey*, já que este último trata-se de um camundongo que vive na cidade confortavelmente dispondo de comida e até mesmo roupas, é bem desenhado com traços gráficos precisos, possui uma namorada (*Minnie*) e se apresenta como um ser convencional, de relativo status social, feliz, com padrões de comportamento e reconhecido perante a sociedade. *Níquel* surge então como uma espécie de “anti-Mickey”, um rato sujo, repulsivo, anônimo frente aos humanos, sem vínculo emocional, desenhado de modo a mostrar suas mazelas, sua aversão aos padrões sociais, sua quebra de comportamentos, sua vivência em um ambiente inóspito, escuro que o obriga a superar adversidades e lutar diariamente até mesmo com os demais personagens próximos ao seu círculo social para conseguir comida. A antropofornização de *Níquel* (bem como de outros personagens secundários como a barata *Fliti*) somada ao contexto vivido por ele nas tiras é que resulta no debate crítico dos valores, crenças e padrões pré-determinados pela sociedade. Vejamos a apresentação de seu personagem na Figura 1:



**Figura 1:** *Níquel Náusea* em analogia a *Mickey Mouse*. Fonte: Site Uol, *Níquel Náusea* - Tiras do baú: <http://www2.uol.com.br/niquel/bau.shtml>

Na Figura 2 a fome, a falta de comida e a luta pela sobrevivência, temas recorrentes nas tiras, voltam a ser ressaltados, desta vez, entre personagens distintos que lutam entre si numa espécie de “guerra pela vida”. Verificamos que o humor é percebido em todo o decorrer da tira, tanto pela adaptação dos ditados às falas dos personagens, quanto pela ambiguidade produzida no final. As expressões nos rostos dos personagens (suposta

liderança, autoridade, detenção de poder e força em Níquel; e apreensão, medo, desconfiança em Fliti), juntamente com as características do ambiente onde se passa a narrativa (provavelmente o esgoto), contribuem também para reforçar e garantir que o leitor apreenda a mensagem e se divirta com o cômico da situação.

É notória também como a posse de alguns elementos estratégicos garantem a permanência dos personagens em determinado meio, o que nos remete a refletir situações limite vividas por certas faixas da população que, marginalizadas e envolvidas no mundo do crime, são dominadas por quadrilhas organizadas que se associam para garantir a própria permanência nos territórios, como é o caso dos conjuntos de favelas comandadas por líderes infiltrados do tráfico.



Figura 2: Níquel Náusea e Fliti em “guerra pela vida”. Fonte: Site Uol, Níquel Náusea - Tiras do baú: <http://www2.uol.com.br/niquel/bau.shtml>

Numa próxima análise, a Figura 3 faz uso da imagem (desenho) mais do que da escrita para expressar a opinião do autor, já que temos um balão sinalizando fala apenas no segundo quadro, (o que não anula a necessidade do texto para a complementação do enunciado).

Num primeiro momento temos *Níquel* em um ambiente similar a uma casa lendo jornal para se atualizar das notícias do mundo, o que já é algo propriamente engraçado se considerarmos o absurdo da ideia. No segundo quadro podemos interpretar uma crítica ao conteúdo veiculado nos jornais e na mídia em geral que tem a capacidade de influenciar no pensamento e nas decisões dos cidadãos. No caso da tira, podemos ver o medo, a intimidação, o espanto, a alienação de Níquel após a leitura que fez, já que ele transporta a mensagem que leu para a sua realidade, passando a enxergar mutações em todos os cantos.



**Figura 3:** Níquel Náusea em “falso pesadelo”. Fonte: Blog Trinta e poucos anos, Níquel Náusea – Tirinhas: <http://algunstrintaanos.blogspot.com/2010/03/niquel-nausea-tirinhas.html>

Já a Figura 4 assinala uma crítica ao positivismo - corrente filosófica baseada em ideais de objetividade científica que busca na utilização de métodos empíricos a produção de conhecimento e comprovação da verdade - referindo-se à recorrente situação em que os animais são submetidos à avaliação de suas aptidões e potencialidades pelos cientistas de modo a testarem suas teorias (o que reflete uma ideia de menosprezo e inferioridade de tais animais pelo homem), enquanto estes (os cientistas) não passam pelo mesmo processo, embora também estejam sujeitos a ações inesperadas, impulsivas e imprevistas. O humor está justamente na afirmativa de Níquel em relação a essa contradição. O uso de ratos é até mesmo questão polêmica abarcada por muitos defensores dos animais que lutam pela sua não utilização.



**Figura 5:** Níquel Náusea em crítica ao positivismo. Fonte: Blog Trinta e poucos anos. Níquel Náusea – Tirinhas: <http://algunstrintaanos.blogspot.com/2010/03/niquel-nausea-tirinhas.html>

Como podemos perceber, o autor faz uso de vários elementos (desde o tema escolhido para a narrativa, até as cores, formas, linhas, falas e personagens utilizados para a construção da mesma) para expressar a sua opinião crítica a respeito de determinados assuntos que afetam o meio social em que vive. E ainda faz isso de forma inovadora e bem



humorada, permitindo que o leitor tenha prazer na leitura de seu trabalho, ao mesmo tempo em que é convidado a refletir sobre a mensagem transmitida. Isso realça o poder que os quadrinhos têm na produção de sentido e na capacidade de influência (positiva) nas pessoas que são suscitadas a debater valores, crenças, regras e questões políticas, econômicas, sociais e ambientais.

### **3- Considerações finais**

Os quadrinhos possibilitam trazer à tona uma enorme variedade de temas a serem debatidos e repensados pela sociedade. Seu uso adequado pode oferecer resultados positivos como, por exemplo, instigar o pensamento reflexivo e crítico de muitos indivíduos, além de proporcionar uma leitura agradável devido à presença do humor, já que o desenho e as representações gráficas em geral, mostram a sociedade na “qual o autor vive, e por mais idealizada que seja a sociedade representada pelo quadrinista, ele está se baseando na sua realidade contemporânea, tentando entendê-la ou criticá-la” (DINIZ, 2001, p. 51). Isso foi claramente percebido nas análises feitas nas tiras de Fernando Gonsales em que o autor pôde expressar sua opinião, ao mesmo tempo em que denunciava uma realidade social e fazia humor.

A posição crítica adotada pelo autor pode, sem dúvida, influenciar o pensamento de indivíduos que tiveram contato com tal tipo de material. Pensando “conflitos, frustrações, grandezas e misérias da vida humana [...] certas tirinhas podem levar os leitores a posicionarem-se diante das temáticas desenvolvidas nessas histórias e da atuação de personagens” (BORGES, MOURA, 2009, p.100). Percebemos, portanto, a capacidade crítica e humorística que os quadrinhos têm e como são um poderoso instrumento que precisa ser cada vez mais difundido em diferentes ambientes (especialmente em escolas) para promover a reflexão, o debate e a conscientização.

Embora as novas tecnologias como celular, computadores, Internet, dentre outras, tenham popularizado significativamente os quadrinhos em revistas eletrônicas e *sites* especializados, tal gênero ainda é pouco explorado como elemento reflexivo e educador. É preciso difundir a relevância da utilização dos quadrinhos como facilitador de aprendizagem não somente no que diz respeito ao contexto crítico literário, mas também em relação a outras áreas de conhecimento como Química, História, Geografia, Biologia, etc.

“A ousada obra em quadrinhos *Palestina: uma nação ocupada*, de autoria de Joe Sacco (2000), é um ótimo exemplo de como a HQ se presta à abordagem de



temas complexos, mesmo que pouco ortodoxos para o gênero” (MENDONÇA, 2007, p. 207).

Os quadrinhos contribuem para tornar tanto mais acessíveis quanto mais “palatáveis” tópicos complexos com os quais os professores, por exemplo, têm dificuldade na prática docente, revelando sua fundamental capacidade de melhoramento da educação principalmente em um momento que muitos estão em processo de formação de opinião.

#### 4- Referências bibliográficas

BORGES, Eliana Maria; MOURA, Sérgio Arruda de. Discursos de identidades em tiras de humor: análise em duas vertentes críticas. **Comunicação e Filosofia**. Disponível em: [http://www.logos.uerj.br/PDFS/31/08\\_logos31\\_sergioeliana.pdf](http://www.logos.uerj.br/PDFS/31/08_logos31_sergioeliana.pdf). Acessado em 02 jan. 2012.

CASTELÃO, Erica Simões. Níquel Náusea: A narrativa das HQ's como documento histórico. **Departamento de expressão gráfica**. Disponível em: [http://www.degraf.ufpr.br/artigos\\_graphica/NIQUEL.pdf](http://www.degraf.ufpr.br/artigos_graphica/NIQUEL.pdf). Acessado em 02 jan. 2012.

CIRNE, Moacy. Quadrinhos, memória e realidade textual. **Anais do XXVII Congresso Brasileiro de Ciências da Comunicação – Intercom**. Porto Alegre, ago 2004.

DINIZ, Paulo Fernando Dias. Os quadrinhos de Angeli e o contemporâneo brasileiro. 2001. **Dissertação** (Mestrado em Comunicação) – Pós-Graduação em Comunicação da Universidade Federal de Pernambuco (PGCOM, UFP), Recife, 2001.

MENDONÇA, Márcia. Um gênero quadro a quadro: a história em quadrinhos. In: DIONÍSIO, Angela (org.); MACHADO, Anna Rachel (org.); BEZERRA, Maria Auxiliadora (org.). **Gêneros Textuais & Ensino**. 5ª. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

Níquel Náusea – Com Mil Demônios. **Devir Livraria**. Disponível em: <http://www.devir.com.br/hqs/nausea1.php>. Acessado em 02 jan. 2012.

Níquel Náusea. Tiras do baú. Disponível em <http://www2.uol.com.br/niquel/>. Acessado em 02 jan. 2012.

PANOFSKY, Erwin. Iconografia e iconologia: uma introdução ao estudo da arte da Renascença. In: **Significado nas Artes Visuais**. Trad. Maria C. F. Kneese. São Paulo: Perspectiva, 1976, pp. 47-87.

PONTOLDIO, Erich. Níquel Náusea – tirinhas. **Trinta e poucos anos**. Disponível em: <http://algunstrintaanos.blogspot.com/2010/03/niquel-nausea-tirinhas.html>. Acessado em 02 jan. 2012.